

KUBATA BANTU: VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA IR ALÉM DO CONHECIMENTO EUROCENTRADO

Laís Santos Domingos¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre possibilidades de ruptura com o conhecimento eurocentrado trazendo para o processo de ensino-aprendizagem outros saberes. Com o descobrimento da América (latina) tem início a organização colonial do mundo tendo a Europa como ponto zero por onde os demais povos serão pesados e medidos. Mesmo com o fim do período colonial as hierarquias coloniais, articuladas sob as formas de diferenciação de raça, gênero, sexo e conhecimento, permanecem até a atualidade. Analisando os muros e problemáticas construídos pela ideia de um saber único e legítimo eurocentrado, este artigo esboça uma possibilidade de ir além dele, trazendo a Kubata Bantu para a roda para dialogar com outros saberes no processo de ensino-aprendizagem. Esta pesquisa, que tem como objeto empírico a Kubata Bantu, ainda em andamento, busca uma práxis reflexiva diante da colonialidade do saber e sua ruptura trazendo suas experiências como uma possibilidade dentro desse processo. Usa um referencial teórico que não se limita ao cânone europeu com autores como Boaventura (2010), Grosfoguel (2010) e Quijano (2000).

Palavras-chaves: Educação. Cultura. Descolonização dos Saberes.

INTRODUÇÃO

As situações do cotidiano são um motor primário do questionamento, o que se vivencia ou vê na rua nos leva a reflexão. Comigo não foi diferente, através do convívio como brincante² nas manifestações culturais³ que acontecem na cidade de Fortaleza pude experienciar outros processos de ensino e aprendizagem através das histórias, das cantigas, do convívio intergeracional, do trabalho com o corpo, do aprendizado em conjunto, que trazem

¹ Mestranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, integrante do NACE. Brincante do Brinquedo de Coco Fortaleza, do Reisado Nossa Senhora das Dores, do Maracatu (cearense) Nação Fortaleza e do Tambor de Crioula Filhos do Sol Discípulos de Mestre Amaral. Fundadora e integrante da Kubata Bantu. laissd89@gmail.com.

²No Maracatu Cearense se compreende por brincante aquelas pessoas que participam do maracatu seja no figural, batuque ou organização do mesmo. Estendo essa definição para as demais manifestações entendendo por brincante aqueles que participam seja tocando, cantando, dançando ou na organização das mesmas.

³Dentre as várias manifestações culturais que acontecem na cidade de Fortaleza brinco no: Maracatu Nação Fortaleza, no Coco da Farra Sadia, no Coletivo Tambor de Crioula Filhos do Sol Discípulos de Mestre Amaral e no Reisado Nossa Senhora das Dores.

dentro de si, não apenas os saberes institucionalizados, mas aqueles conhecimentos construídos e adquiridos nas experiências do cotidiano.

Em minhas experiências com a educação tendo como local a escola através da atividade docente os saberes aprendidos por mim através das brincadeiras foram um grande aliado. Não apenas no sentido de trazer assuntos diferentes para a sala de aula, mas também como esses valores, formas de pensar e sentir, que vêm sendo aprendidos ao longo desses anos e que hoje são pilares estruturadores da minha prática docente me levaram a questionar o porquê desses saberes estarem fora da escola e dos livros didáticos.

Desse modo, no primeiro tópico discutirei, brevemente, o conceito de Colonialidade desenvolvido por Anibal Quijano, escolhendo o conhecimento como lupa para observação. No segundo tópico discorrei sobre a Kubata Bantu com seus ideais e princípios norteadores, explicando o que entendo dentro desse trabalho por vivências pedagógicas. No terceiro trarei as vivências de Oralidade de Musicalidade Bantu como uma forma de ir para além do conhecimento eurocentrado.

1. OS CAMINHOS DA COLONIALIDADE

O início do processo de colonialismo da Europa em direção a América e depois sobre a África não representa apenas o começo da organização mercantil mundo, mas também a construção de uma narrativa que entende a Europa como epicentro para onde todos os outros povos desenvolvidos caminhariam. Para Lander (2005) essa *visão de mundo* dá as bases para a construção dos conhecimentos sociais modernos, onde a ideia de modernidade articularia ao redor de si quatro dimensões básicas:

“1) a visão universal da história associada à idéia de processos (a partir da qual se constrói a classificação e hierarquização de todos os povos, continentes e experiência históricas); 2) a ‘naturalização’ tanto das relações sociais como da ‘natureza humana’ da sociedade liberal-capitalista; 3) a naturalização ou ontologia das múltiplas separações próprias dessa sociedade; e 4) a necessária superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (“ciência”) em relação a todos os outros conhecimentos.” (LANDER, 2005, p.13).

A construção da sociedade moderna sobre os pressupostos de uma metanarrativa universal onde o modelo europeu estaria no estágio final do progresso articula um conjunto de relações sociais que serão naturalizadas como essência de todas as sociedades. O colonialismo, além das dominações relatadas pelos livros de história, gerou também uma relação desigual de saber-poder que levou a sucumbir várias formas de conhecimento próprias

dos povos colonizados. Com esse processo foi concedido à ciência moderna o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso.

O homem ocidental surge como o *ponto zero*, como ‘molde’ para padrões, estereótipos, identidades, como indígena, negra e negro, mestiça e mestiço, que são reconfigurados através de hierarquias e papéis sociais promovendo uma classificação entre elas. As diferenças e a configuração das relações são tomadas como ontológicas transmutando o outro em algo estranho, inteligível, naturalizando as relações de dominação entre os europeus e não-europeus. Assim, mesmo com a independência das antigas colônias e o fim do colonialismo, as hierarquias advindas desse período agrupadas na dicotomia europeu e não-europeu, tendo a raça como pilar que estrutura todas as formas de diferenciação, perduram até os nossos dias.

Colonialidad no significa lo mismo que colonialismo. Colonialismo denota una relación política y económica, en la cual la soberanía de un pueblo reside en el poder de otro pueblo o nación, lo que constituye a tal nación en un imperio. Distinto de esta idea, la colonialidad se refiere a un patrón de poder que emergió como resultado del colonialismo moderno, pero en vez de estar limitado a una relación formal de poder entre dos pueblos o naciones, más bien se refiere a la forma como el trabajo, el conocimiento, la autoridad y las relaciones intersubjetivas se articulan entre sí, a través del mercado capitalista mundial y la idea de raza. (MALDONATO-TORRES, 2007, p131).

Anibal Quijano (2010) cunha o conceito de Colonialidade para referir-se a continuidade das formas coloniais de dominação que estão incrustadas nas múltiplas dimensões da vida social como: na relação entre capital e trabalho; relações de gênero e sexualidade; nas instituições; nas produções de conhecimentos e subjetividades (QUIJANO, 2000, 2005, 2010; GROSGUÉL, 2010). A partir desses discursos são criados estereótipos que geram e fixam uma ideia negativa do outro, que não se encaixa dentro dos padrões culturais requeridos. Eles agem no sentido de reconhecer e recusar a diferença, produzindo uma imitação vazia do sujeito colonial. Através desses estereótipos, e por meio dos processos de subjetivação, são internalizadas as hierarquias.

A população negra dentro desse processo foi uma das principais vítimas do Colonialismo e da Colonialidade, além de ter sofrido a diáspora e a escravidão, o negro foi posto por seus algozes abaixo da linha da humanidade. Ao ser destituído do status de ser humano tudo o que remetia a ele também foi automaticamente posto a baixo dessa linha, sua identidade passa a ter uma carga negativa. A pele negra vira sinônimo de luxúria e violência, seu cabelo vira sinônimo de ruim, seus traços ganham conotações grotescas, seus saberes perdem a legitimidade e não são reconhecidos como conhecimentos.

Em nosso país, ainda hoje, colhemos os frutos podres desse processo. A população que é expropriada de todos os seus direitos tem cor e isso não é apenas uma coincidência. A

manutenção do negro como força de trabalho oprimida em seus vários contextos é primordial para a continuidade do poder hegemônico e uma das principais armas para isso é atrelar à identidade negra valores negativos, assim tanto os não-negros como os próprios, internalizam dentro de si uma mensagem direta: ser negro é ruim.

Essa mensagem age de forma destrutiva tanto objetiva quanto subjetivamente, naturalizando e camuflando a distinção que tem a raça e o racismo como pilar fundamental da diferença que se transmuta nas instituições através do racismo institucional; nas relações cotidianas através do racismo; através do apagamento das raízes e heranças culturais negras; na apropriação pelo capital dos ícones culturais negros; na falta de referenciais positivos.

Ir de encontro a essas ideias e reconstruir referenciais positivos sobre o negro, levando em conta sua história e alteridade, se torna uma necessidade latente para romper com essa lógica. A educação, não só em seu sentido escolar, é algo que perpassa por todos os âmbitos de nossa existência, por isso, se torna essencial. Dentro dessa linha de pensamento, trazer os saberes e valores africanos e afrodescendentes para a roda como um conhecimento legítimo é fundamental para a formação do ser humano. É um passo rumo à descolonização dos saberes e a construção de uma sociedade onde igualdade não seja apenas um conceito.

KUBATA BANTU, MAIS UMA POSSIBILIDADE

O Baobá é um dos símbolos do continente africano, sua longevidade, capacidade de resistir a largos períodos de seca e seu porte dão a essa árvore um ar mágico naturalmente. Contudo, isso não é o suficiente para entender o encantamento e o seu papel na sociedade africana, associado a ele estão vários valores sociais. Por viver séculos ou milênios, o Baobá se torna testemunha de tudo o que acontece na aldeia, a vida pulsa e acontece ao redor dele o tornando um eixo da vida social. Aos seus pés muitas vidas já correram, modos de ser, histórias e cantigas, o Baobá torna-se uma espécie de guardião da experiência ancestral sendo a sua sombra o abrigo acolhedor onde os ensinamentos são transmitidos.

Para mim é uma árvore sagrada, pois me traz um sentimento profundo de conexão com a África, esse continente luminoso. Em novembro de 2013, na cidade de Fortaleza, sob as

bênçãos dessa árvore, em um evento⁴ que leva o seu nome, a África fincou em mim sua raiz mais profunda através do encontro com Fábio Simões Soares⁵, a quem depois eu chamaria de amigo, irmão e companheiro de sonhos e ações. Desse encontro nasceu a Kubata Bantu. Kubata vem da língua Quibundo e significa casa/moradia e Bantu é o plural de Muntu, que significa seres humanos, uma casa sem porta e janelas que traz aos dias de hoje a importância da contribuição histórica, cultural, espiritual e artística dos Povos Bantus⁶ no Brasil.

Este é um trabalho de pesquisa de tecnologia de saberes africanos, das formas particulares que cada cultura tem de trabalhar, sendo esse técnico ou não, com suas epistemologias. Por exemplo, a construção de uma m'birá⁷ pelo povo Xona no Zimbábue não passa apenas por um processo técnico de fabricação do instrumento característico desse grupo. Mas, todo esse processo está impregnado de saberes que através da técnica, vão para além dela, trazendo questões como identidade, pertencimento, memória, ancestralidade.

A ancestralidade, dentro dessa cosmovisão africana, é simbolizada pelo chão. Esse não está ligado apenas a sobrevivência do corpo como lugar onde tiramos nosso sustento, mas como território visceralmente ligado a própria constituição do ser. Nas manifestações culturais populares brasileiras, notadamente as de matriz africana, e nas danças das religiões afro (umbanda e candomblé) vê-se um princípio de intimidade com a terra, lugar de onde emana energia sagrada de criação que percorre todos os seres e coisas.

Nesta pesquisa, o chão vem como território fecundo de onde partimos e retornamos em um movimento circular onde a experiência cotidiana é fonte inesgotável de conhecimento. Por isso, optamos pela terminologia vivências pedagógicas. Vivências para expressar e dar ênfase a esse lugar que tomamos como referência. São pedagógicas porque vêm da ideia de que essas dialogam com os processos educativos, para além dos legitimados pela escola. Tudo isso sempre tomando como ponto de referência a Cosmovisão Africana.

Entendemos a Cosmovisão Africana como uma das possíveis formas de ruptura com o conhecimento eurocentrado, dando primazia a outros invisibilidades, subalternizadas ao longo

⁴Organizado pelo Núcleo das Africanidades Cearenses – NACE – o evento Memórias de Baobá é voltado para a formação de professores, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação e demais setores envolvidos no ensino das africanidades nas escolas.

⁵Pesquisador autodidata, músico, arte-educador, artesão de instrumentos. Traz em suas vivências experiências adquiridas a partir de um projeto de intercâmbio cultural em 2009 indo para Moçambique atuar na área de pesquisa de instrumentos tradicionais daquele país, onde teve aulas com músicos tradicionais e professores da Universidade Federal Eduardo Mondlane e pesquisa com mestres populares.

⁶Povos do Centro/Sul do continente africano que têm forte influência na construção do povo brasileiro devido a antiguidade da presença desses povos em nosso país e pela densidade demográfica e amplitude geográfica alcançada pela sua distribuição humana em território brasileiro. Durante quase cinco séculos o maior fluxo de homens escravizados que vieram para o Brasil pertenciam a este tronco linguístico.

⁷Instrumento de teclas do Zimbábue, ancestral da kalimba.

da história, contribuindo para uma descolonização dos saberes. Pois, trabalhar com as vivências pedagógicas não se limita apenas a dialogar com as questões que envolvem as Africanidades. Pois, por partir da perspectiva de que o lugar de onde viemos, o chão ao qual pertencemos, é força motriz do processo educativo, abre possibilidades para discussões e articulações com outros saberes e realidades como as dos povos indígenas, caiçaras e camponeses.

Cada um desses grupos tem seu regime de signos que se constrói a partir de sua dinâmica civilizatória. A esses modos de ver, estar e se relacionar com o mundo chamamos de cosmovisão. Cada grupo espalhado pelo globo tem sua própria cosmovisão, sejam eles latinos, orientais, europeus ou africanos. Contudo, nesse artigo quando nos referirmos a cosmovisão estamos ancorados na cosmovisão africana.

Existia em África, antes da invasão dos povos ditos colonizadores, uma estrutura comum aos diversos povos que alicerçavam as dimensões políticas, culturais e sociais daquele continente. Essa forma de compreender o mundo privilegia a diversidade e a lógica de cada lugar, não impondo um modelo único de se relacionar com a vida e o planeta. Mesmo com a dispersão desses povos ao redor do mundo através dos processos de Diáspora essas estruturas atravessaram o mar junto com os africanos, escravizados ou não, e continuaram estruturando as duas concepções de vida e dos seus descendentes (OLIVEIRA, 2006).

Essa cola que unia e perpassava as estruturas concretas e subjetivas dos povos africanos veio com eles dentro dos navios e nas terras brasileiras ligaram-se visceralmente com as questões de organização da vida social, política e cultural e de produção material⁸. Esse entendimento é importante porque rompe com a ideologia de que existe apenas um modelo organizativo da vida que vem do regime dominante. É trazer para a roda outras maneiras de ver, estar e se relacionar com o mundo que partem de paradigmas diferentes do europeu.

Na Kubata Bantu todo o processo de concepção e práxis das vivências de construção dos brinquedos e instrumentos étnicos, de oralidade e literatura, de musicalização, de cantigas, formação de professores e de contação de histórias é pautada nos valores da cosmovisão africana como: Ancestralidade, Ludicidade, Memória, Oralidade, Circularidade (OLIVEIRA, 2006). Nosso intuito não é apenas que se conheça essa cultura, mas ensinar um olhar atento sobre as heranças africanas que estão latentes em nosso cotidiano. Nossas palavras, nosso cabelo, nossa cor, nossas histórias, nossa corporeidade são questões primordiais na construção de nossas subjetividades e epistemologias, ou seja, na formação do ser. A cultura é entendida assim como elemento importante para o desenvolvimento do ser humano, pois,

⁸ No sentido de como a sociedade organiza sua produção de bens materiais e simbólicos.

ela diz respeito às vivências concentradas dos sujeitos, às variabilidades de formas de conhecer o mundo, às particularidade e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. (GOMES, p.75, 2003).

A cultura não diz respeito apenas às manifestações culturais, ela está emaranhada em todos os âmbitos de nossa vida, influenciando nossa própria constituição enquanto sujeitos. Clifford Geertz (2008) usa a metáfora da teia para simbolizar seu entendimento do que seja a cultura, pois essa perpassa toda a nossa existência, estando presente nos modos de vida específicos, nas práticas cotidianas e compartilhadas, símbolos, linguagens, gostos, identidade, corpo, formas de pensar o mundo.

A educação também é concebida dentro de um pensamento que extrapola a instituição escolar, sendo entendida como algo orgânico e de pertencimento de toda a comunidade. Trabalhando com o sentido amplo do termo, não se limita apenas ao ensino de conteúdos, mas está preocupada com a formação de um ser humano íntegro e integrado com a sua comunidade. Dessa forma, não vemos a escola como a única responsável por essa tarefa, a Educação é de responsabilidade de todos. Comungando desse pensamento, partimos para a práxis buscando dar vida a todos os nossos sonhos e anseios através dos trabalhos desenvolvidos pela Kubata Bantu.

CAMINHADA...

Para esse artigo trago o relato da vivência pedagógica de Oralidade e Musicalidade Bantu por trabalharem com a questão da Palavra. Esta foi realizada em novembro de 2015 em UM eventos no Estado do Ceará. O Memórias de Baobá é um encontro que acontece desde 2010 voltado para a formação de professores, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação e demais setores envolvidos no ensino das africanidades nas escolas.

Na vivência de Oralidade e Musicalidade Bantu trabalhamos com a palavra e a língua, utilizando como matrizes o Português (falado no Brasil) e o Kimbundo, língua africana falada principalmente na região da Angola, sendo um dos ramos fundamentais do tronco lingüístico Bantu⁹. O objetivo da atividade era que os participantes formassem frases usando palavras do Kimbundo para depois, em grupo, serem musicalizada. Para isso foi pedido previamente

⁹ Esse tronco lingüístico abrange a região do Centro/Sul do continente africano. As circunstancias podem nos fazer pensar que Bantu corresponde a um povo, mas esse é um pensamento errado visto que diversas etnias formam esse tronco.

que os participantes levassem de casa seus instrumentos de percussão, ao final teríamos uma música feita integralmente pelos participantes.

O livro utilizado para nortear o trabalho foi o *Dicionário Português – Kimbundu – Kikongo*¹⁰ de onde foram extraídas palavras como: *kubata* (casa), *kotá* (irmão), *kulunga*(mar), e de pequenas frases pré formadas como: *eu saúdo meu povo; bom dia irmão*, além das palavras que empregamos em nossa língua como *moleque, batuque, tanga*. Essa escolha foi guiada pela ideia de se trabalhar com palavras simples e que tivessem ligação com as africanidades e sua ancestralidade, dessa forma, independente de onde se alçariam as criatividades dos participantes, a canção traria em seu cerne essa vibração.

Partindo da Oralidade, ancorada na cosmovisão africana, a Palavra ocupa um lugar central, permanecendo nas manifestações artísticas, na magia, no culto religioso e na vida social. É um dos fundamentos para a criação do mundo por estar visceralmente ligada à ideia de força vital “fonte primordial da energia que engendra a ordem natural do universo e atua de maneira específica em cada sociedade” (Oliveira, p.45, 2006).

Nas tradições africanas [...] -, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. [...] Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada com sua fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. Se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (*yaa-warta ,em fulfulde*) que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação. (BÁ, 1982, p. 182-185).

Ela é a força inerente a todos os seres que gera energia e movimento estando presente em todos os âmbitos da existência. “É uma cultura própria e autêntica porque abarca todos os aspectos da vida e fixou no tempo as respostas às interrogações do homem. Relata, descreve, ensina e discorre sobre a vida”. (ALTUNA, 1968, p.33).

Partindo desse entendimento de que a palavra, e a língua, perpassam vários âmbitos de nossas existências, que essa vivência pedagógica opta por toma-la como estandarte. Pois, a língua não se restringe apenas às questões da Lingüística, uma palavra só faz sentido porque está dentro de um contexto cultural, social e político. Desta maneira, falar uma língua é vestir a Cultura a qual essa língua pertence (FANON, 2008). Sendo assim, “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.”(FANON,2008,p.33). Assim, dentro desse contexto, a língua funcionou como porta de entrada dos valores do colonizador transmitidos através da cultura: literatura, filosofia, conhecimento científico.

¹⁰ Padre António da Silva Maia, Cooperação Portuguesa, 2ed, 1961.

Indagar sobre a realidade brasileira, a partir da língua e da palavra, partindo da análise desse autor, vemos que as heranças e influências dos povos africanos no Brasil não é figurativa ou folclórica, mas sim ontológica. Ou seja, é parte integrante e indissociável do que somos. No português falado no Brasil, várias são as referências do tronco linguístico Bantu, seja nas palavras ou na própria sonoridade. Palavras como moleque, farofa, batuque, bunda, tanga, cochilar e inúmeras outras que são parte integrante de nosso vocabulário pertencem ao Kimbundo.

Vale aqui uma reflexão, como em um país de dimensões continentais como o nosso a palavra designada nacionalmente para se referir ao irmão mais novo é caçula, palavra africana, e não benjamin como em Portugal? Parece até algo insignificante, mas contém em suas minúcias uma realidade que vem sendo apagada a todo custo ao longo de nossa história, trazemos muitas referências negras em nossa constituição do que nos dizem. E se como afirma Fanon, a língua é a porta de entrada por onde são transmitidos valores do colonizador, no Brasil esse movimento é dialético. Pois, foi porta de entrada também dos valores, conhecimentos e tecnologias africanas que propiciaram a criação desse país que conhecemos. Assim, nota-se que a influência desses povos na formação do povo brasileiro é mais ampla e profunda do que se comenta.

A vivência foi composta por um público na sua maioria por professores da rede básica de ensino, de ambos os sexos e idades variadas. A princípio pensamos em 25 participantes, número que quase triplicou na prática. Os panos coloridos no chão, à sombra das árvores, cabaça, música, e vários instrumentos criam uma atmosfera de encantamento que nos convida. Acho que todos esses elementos contribuíram para que tantas pessoas viessem ao nosso encontro. De nós, exigiu *mandinga*, esse jogo com a vida de por vezes ficar de ponta cabeça e bambejar pra não cair.

De início nos apresentamos e dialogamos sobre o negro no Brasil, tomando como referência os Bantus, um dos tantos povos africanos que vieram para nosso país. Escolhemos como locus de análise a questão da palavra/língua e de como essa sofre influência direta desse tronco linguístico. Muitos mostraram-se surpresos ao perceber a quantidade de palavras que herdamos diretamente dessa matriz, assim como desconheciam as próprias heranças e marcadores africanos que carregamos no português falado no país, pensando ser apenas o português de Portugal a matriz de nossa língua. Essa reflexão nos leva a questionar quantas outras marcas ainda não estão encobertas.

Após esse primeiro momento nos dividimos em três grupos para que criassem frases sobre o que havíamos dialogado e suas sensações, tomando como ponto de partida a

ancestralidade, essa força que sobrevive nas pequenas coisas, com uma palavra. Os grupos se juntaram e logo começou a cantarolação, os debates de ideia, os risos, o dicionário era sempre consultado em busca de outras palavras. Os participantes estavam encantados com o novo que estavam fazendo e isso os levava a se doar sem receios ao saber. Finalizando esse momento cada equipe socializou sua criação para que em conjunto iniciássemos um novo processo criativo, e construir uma música. A letra foi constituída de um refrão e dois versos.

<i>Una kiambote kotá</i>	<i>Bom dia irmão</i>
<i>Una kiambote kotá</i>	<i>Bom dia irmão</i>
<i>No kibela</i>	<i>do chão</i>
<i>No kibela</i>	<i>do chão</i>
<i>Bantu kuiza bu bana</i>	
<i>Bantu kuiza bu bana</i>	
<i>No kibela</i>	<i>do chão</i>
<i>No kibela</i>	<i>do chão</i>
<i>Mama kalunga etu bonza</i>	<i>Mãe do mar me abençoa</i>
<i>Mama kalunga etu bonza</i>	<i>Mãe do mar me abençoa</i>
<i>No kibela</i>	<i>do chão</i>
<i>No kibela</i>	<i>do chão</i>
<i>Vassantú do Mucuripe</i>	<i>Sagrado do Mucuripe</i>

Na letra nota-se que os sentimentos mais aflorados foram o Pertencimento, Ancestralidade, Circularidade, Ludicidade. Onde o chão do qual saímos, no caso Fortaleza, é sagrada e uma fonte de conexão com nossa ancestralidade. O mar aparece também como elemento marcante dessa ancestralidade, seja pela relação visceral com a cidade, seja com a diáspora. Em um lugar como Fortaleza onde o discurso de que não existem negros no Estado é tida como verídica, a ideia de que a ancestralidade de matriz africana emana desse chão é resistir e afirma a negritude cearense.

Depois de criar a letra, veio o momento de construir a melodia, assim os instrumentos foram separados do canto (ficando em dois grupos). No canto organizamos as vozes e separamos as estrofes para que cada representante dos grupos puxasse a estrofe elaborada por sua respectiva equipe, sendo seguido por todas e todos. Nos instrumentos foi criada uma base rítmica com alguns fazendo variações. Após alguns ajustes e acertos só havia um caminho: repetição e ensaio.

Ao final formamos um cortejo com os instrumentos, cantando a música gerada e seguimos para o Baobá para finalizar as atividades aos pés dessa árvore ancestral e centenária, símbolo de resistência e encantamento. Saudamos nossos irmãos e ancestrais em um coro de alegria, criatividade, união, satisfação e musicalidade. Momento de comunhão e reconexão

onde as palavras fizeram pulsar em nossas raízes a força da ancestralidade que atravessa as gerações, mas não se dilui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um povo sem cultura é um povo eternamente colonizado, disse-me um dia o SR. Carlos Gomide¹¹ e a cada dia venho entendendo isto como uma verdade. Em um país onde as teorias de branqueamento e mestiçagem tentam arrancar do povo negro sua identidade em um processo cruel de anulação das suas raízes trabalhar com africanidades é um ato político (OLIVEIRA, 2006) movido pela paixão, resistência e perseverança. O objetivo da Kubata Bantu é direto, *ressignificar e construir representações positivas sobre o negro* (GOMES, p.81, 2003), objetivo este que partilhamos com outras pessoas que nem conheço, mas que também desenvolvem atividades partilhando do mesmo ideal.

A Lei 10.639/03, que destaca que *nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais ou particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira* e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foram passos fundamentais e aliados importantes nessa batalha. Contudo, não é apenas a inclusão de conteúdos que vai promover transformações, pois a escola é uma instituição que está dentro da lógica patriarcal/capitalista/branca/eurocêntrica (GROSFOGUEL APUAD GROSFOGUEL 2005, 2006b) que junto com outras instituições trabalham para reproduzir a ordem vigente. Os princípios que regem a educação brasileira, até agora, têm apresentado programas escolares que são baseados pelos princípios eurocêntricos, antagônicos aos da cultura africana (PETIT, 2015) que faz com que o trabalho com africanidades esbarre em vários ‘muros’ dentro da escola.

Então, diante desse quadro, romper é a única opção. Não apenas romper no sentido mais radical de extinção da instituição escolar, mas no sentido de retirar dela o monopólio da legitimidade da tutela da educação da sociedade. É romper com a colonialidade do poder e do saber que inferioriza todos aqueles que não se encaixam no seu padrão.

Esta pesquisa, que está em movimento, ainda em sua fase inicial, não é uma crítica antieuropeia para uma substituição de paradigmas, mas uma perspectiva crítica sobre a diversidade de conhecimentos do mundo que continua em construção. Uma possibilidade de

¹¹Fundador da companhia Carroça de Mamulengos que nos últimos 40 anos vem desenvolvendo trabalhos por todo o país.

pensamento que suste a com lógica do eurocentrismo como a única possível e verdadeira (ESCOBAR, 2003), lançando um olhar sobre o negro não apenas como objeto de investigação, mas sim como produtor de saberes.

Quanto a nós nessa amizade
O mundo vamos semear
As ruas vão virar jardim
As cidades um pomar
Frutificando a cultura
Para a alma alimentar
Dando força para o corpo
A realidade transformar.
(trechos do Diário da Kubata)

BIBLIOGRAFIA

BÂ, Amadou Hampâté: A Tradição Viva. In: ZERBO, J-KI: **História Geral da África**. São Paulo: Ed. Ática. 1982. P. 181-218.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1ed., 13. Reimpr, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação. Nº 23, maio/jun/jul/ago, 2003.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. . In: Epistemologias do Sul / Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses (org). São Paula: Cortez, 2010.

LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

QUIJANO, Anibal. **Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America**. Neplanta: Views from South, 1 (3), p. 533-580, 2000.

_____. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: Epistemologias do Sul / Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses (org). São Paula: Cortez, 2010.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana - Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.